

## **CANCELADOS: a cultura do cancelamento na sociedade do espetáculo**

Isabella Vieira VILCHEZ  
Claudio Novaes Pinto COELHO  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O texto tem o objetivo de compreender o fenômeno da cultura do cancelamento pela perspectiva da espetacularização e da atuação das celebridades-vedetes em ambiente virtual, a partir dos conceitos propostos por Guy Debord em “A Sociedade do Espetáculo”. Partindo da ideia de espetacularização da intimidade nas redes sociais por meio de aplicativos como Instagram, Twitter e Facebook, o artigo traz o contexto histórico do fenômeno do cancelamento e suas repercussões no ambiente virtual, além de analisar um caso de boicote à cantora Anitta e a mobilização política por parte de seguidores da cantora na internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura do cancelamento; espetacularização; redes sociais; boicote; *cancel culture*.

### **Introdução – Você já foi cancelado?**

O ano é 2018. Você escreve um texto para um blog falando sobre as características de uma nova versão de um videogame, realizando uma comparação entre a mais recente e a antiga. Em um determinado momento de sua análise, você usa a palavra “judiar”, sem saber que, em sua origem, o verbo remete aos maus-tratos sofridos pelos judeus ao longo da História. O texto entra no site, é compartilhado por várias pessoas, até que você percebe que há uma movimentação nas redes sociais a respeito do artigo. Furiosas, as pessoas te xingam e te chamam de antisemita, sem esclarecer o erro que você cometeu, fazendo com que você não consiga entender a razão dos comentários odiosos. Aos poucos, você percebe que foi “cancelado” pela internet.

O ato de “cancelar” pode ser caracterizado como o boicote ou a perda de apoio de um determinado artista ou pessoa famosa por conta de julgamentos pré-estabelecidos e de senso comum para os usuários da internet. Apesar de a situação presente no parágrafo anterior se tratar de um caso específico, em que uma palavra utilizada fora de contexto foi o motivo do cancelamento, essa não é a única razão que leva os usuários das redes sociais a cancelarem outras pessoas: atitudes, posicionamentos e até mesmo as amizades que uma celebridade tem também podem ser levadas em consideração.

Para além do mero julgamento realizado pelos usuários das redes sociais, o cancelamento explicita a espetacularização da vida nos meios virtuais, tanto por parte da

figura pública quanto por parte de seus seguidores. De acordo com o teórico francês Guy Debord, autor da obra “A Sociedade do Espetáculo”, o espetáculo não pode ser apenas caracterizado como “um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1967, p. 22).

O cancelamento traz à tona, acima de tudo, o desejo de que a realidade surja no espetáculo por meio de uma figura pública que, por sua vez, precisa ter uma determinada atitude ou posição política para ser considerado como “real” dentro do contexto em que se insere. Podemos destacar outra citação de Debord ao falarmos sobre o tema:

A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre homens e entre classes: parece que uma segunda natureza domina, com leis fatais, o meio em que vivemos. (...) Se o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa”, que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade (DEBORD, 1967, p. 26).

Com raízes em movimentos como o feminismo e outras causas de gênero, raça e sexualidade, a cultura do cancelamento passou a seguir um molde: uma denúncia é feita, gerando engajamento nas redes, fazendo com que comentários comecem a surgir e atacar a privacidade de uma figura pública, proporcionando um boicote em massa da carreira de um artista. É fundamental interpretar que o ato de cancelar é algo que varia de caso para caso, chegando a ser efetivo em algumas situações, como ocorreu a partir das denúncias feitas pelas mulheres do movimento #MeToo, que denunciou abusos sexuais cometidos por diretores e atores de Hollywood, divulgados principalmente através do Twitter.

As redes sociais têm modificado o modo como as relações são estabelecidas na sociedade contemporânea. Por meio delas, podemos nos comunicar com pessoas de outros países, conhecer novos indivíduos que compartilham de gostos em comum conosco e nos informar sobre o que ocorre ao redor do mundo. De uma forma única no âmbito da comunicação social, as redes foram capazes de modificar os polos de criação de conteúdo, possibilitando a troca de dados de maneira multidimensional. Uma vez inseridos nelas, estamos sujeitos a receber inúmeras informações ao mesmo tempo, o que cria a necessidade de um filtro para conseguir enxergar o que é verdadeiro, o que é falso e o que nem sequer pode ser considerado por não ter acontecido.

Analisando o poder de mobilização das redes sociais e a efetividade das ondas de indignação presentes nos ambientes digitais, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han reflete

que estas mobilizações não são o suficiente para organizar a esfera pública por serem fluidas e voláteis, apesar de chamarem a atenção dos usuários. Na obra “No enxame - Perspectivas do digital”, o autor defende que “a massa de indignação atual é extremamente fugidia e dispersa” (HAN, 2018, p. 23). Segundo ele, há a ausência da postura necessária para as ações de fato por parte destes agrupamentos, o que poderia resultar na falta de uma mudança na consciência da sociedade como um todo após a divulgação de um escândalo.

A perspectiva apresentada por Byung-Chul Han também pode ser comprovada ao analisarmos o potencial narcisista dessas mobilizações, pelas quais até as denúncias podem ser utilizadas para benefício próprio dos usuários. No texto, o autor usa do conceito de *Shitstorms*, termo utilizado para descrever as campanhas de boicote/difamatórias contra pessoas ou empresas (traduzido de forma típica como “tempestades de indignação”), para exemplificar a efemeridade e a ausência de energia política dos cancelamentos. Segundo Han, por se basearem na escandalização de pessoas individuais, as *Shitstorms* acabam deixando explícita a estrutura econômica neoliberal onde o “*socius* [“social”] dá lugar ao *solus* [“sozinho”]” (2018, p.33). Por ser baseada na solidão e não na multidão, a estrutura mercadológica atual colabora para o aumento da egotização e impede “a formação de um contra poder que pudesse efetivamente colocar em questão a ordem capitalista” e suas formas de perpetuação (HAN, 2018, p. 33).

A perspectiva do narcisismo e do ego em relação ao cancelamento também tem raízes na espetacularização da figura do “eu” pelos membros das redes sociais. Em “O show do eu: a intimidade como espetáculo”, a pesquisadora argentina Paula Sibilia estuda sobre o espetáculo na era das redes sociais. O texto reflete sobre como a difusão de imagens de situações pessoais e cotidianas, que não eram retratadas de forma frequente por outros meios de comunicação, contribuem para a criação e compreensão de novos modos de viver em meio virtual. Analisando as subjetividades e objetividades presentes na construção de uma figura por meio desses espaços, Sibilia aproxima o compartilhamento incessante da vida pessoal nas comunidades à formação de uma narrativa autobiográfica, nesse caso, montada dia após dia pelos usuários.

A autora também explicita que, por meio das relações construídas pelas redes, há cada vez mais uma mudança de foco que passa da esfera pública para a privada. Tudo passa a ser relevante para os seguidores e para a criação da figura de um indivíduo em ambiente virtual. Sobre essa fusão entre pessoal e público, Sibilia diz que são desmanchadas as fronteiras “que separavam ambos os espaços em que transcorria a existência, desafiando velhas categorias e demandando novas interpretações” (SIBILIA, 2016, p. 34), além de que “há um deslocamento

em direção à intimidade: uma curiosidade crescente por aqueles âmbitos da existência que costumavam ser catalogados de maneira inequívoca como privados” (2016, p. 34).

A partir das obras de Paula Sibilia, Byung-Chul Han e Guy Debord, este texto pretende analisar a ruptura entre a vida pessoal e vida profissional de um artista - no caso, a cantora Anitta -, e de que forma essa quebra contribui para a perpetuação de um estilo de vida que é moldado por essas figuras de mídia de modo a visar o lucro, ou seja, a consolidação de um modo de vida capitalista por meio das ações e divulgações feitas nas contas pessoais de pessoas que também atuam como agentes midiáticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, S. Bryan. Kim Kardashian-Jameela Jamil feud has done more to expose detox tea lies than the FDA. **NBC**, Massachusetts, 7 abr. 2019. Disponível em: <https://nbcnews.to/3d2JMkF>. Acesso em: 28 ago. 2020.

CANCEL CULTURE. *In*: MERRIAM-WEBSTER Online. Massachusetts: Merriam-Webster, Inc. Disponível em: <https://bit.ly/36zIkoI>. Acesso em: 10 mai. 2020.

CATRINICK, M.; TOTH, J. #AnittaIsOverParty: o enterro pop de Anitta. **Data7**, São Paulo, 21 set. 2018. Disponível em: <http://data7.blog/anittaisoverparty-o-enterro-pop-da-anitta/>. Acesso em: 26 set. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DUNKER, Christian. Quem tem medo da cultura do cancelamento?. **Gama**, São Paulo, 26 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jKi26U>. Acesso em: 30 jul. 2020.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LIMA, Juliana Domingos de. Quais os efeitos da cultura do cancelamento. **Nexo**, São Paulo, 01 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2F1qmQH>. Acesso em: 26 mar. 2020.

POLLO, Luiza. Todo mundo está de mal: o que a cultura do cancelamento diz sobre nós. **Tab Uol**, São Paulo, 29 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/30D5bMC>. Acesso em: 23 mar. 2020.

POSTINGUEL, D.; GONZATTI, C.; DE MELO ROCHA, R. #AnittalsOverParty: a celebridade como mobilizadora de cibercontecimentos, os consumidores-fiscais e a cultura do cancelamento em redes

digitais. *In:* **E-Compós**. 2020. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2037>. Acesso em: 05 out. 2020.

REDAÇÃO, *et. al.* Fãs cobram posicionamento de Anitta contra Bolsonaro e cantora diz não opinar sobre política. **Estadão**, São Paulo, 19 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/34oced7>. Acesso em: 01 out. 2020.

ROMANO, Aja. Why we can't stop fighting about cancel culture. **Vox**, Nova York, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2F17AsH>. Acesso em: 5 mai. 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.